

## OS BENEFÍCIOS DA MÚSICA NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NO AMBIENTE ESCOLAR

## THE BENEFITS OF MUSIC ON LEARNING AND DEVELOPMENT OF CHILDREN WITH AUTISM IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Ana Paula Guglielmi Heckler<sup>1</sup>

Édina Regina Baumer<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar os benefícios da música na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo e social de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Básica. A pesquisa concretizou-se por meio de estudos teóricos, tendo como principais autores Araújo, Solidade e Leite (2018), Brandalise (2013), Chiarelli e Barreto (2005), Mantoan (2003) e Silva e Silva (2018). Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro professores, sendo dois pedagogos com especialização em Educação Especial, um pedagogo com pós-graduação em Educação Especial e em Psicopedagogia Clínica e Institucional e um professor de música com especialização em Educação Musical. A partir disso, buscou-se identificar os benefícios da música no processo de ensino-aprendizagem; verificar as possibilidades do pedagogo trazê-la para a sala de aula e investigar o auxílio da mesma no processo de inclusão de alunos com autismo no ambiente escolar. De acordo com os estudos realizados, foi possível concluir que a música traz inúmeros benefícios para os educandos com TEA, como estímulo a criatividade, memória, concentração, raciocínio, desenvolvimento lógico, coordenação motora, comunicação e socialização. Porém, há cuidados que devem ser tomados devido à sensibilidade auditiva dessas crianças; contudo, o trabalho com música pode auxiliar e muito no processo de inclusão de alunos com autismo, pois proporciona uma melhora na comunicação e interação social, melhorando assim, o relacionamento do aluno com autismo com todos os integrantes da comunidade escolar. Traz também benefícios para o processo de ensino e aprendizagem, auxiliando assim a incluí-lo plenamente na sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autismo. Música. Desenvolvimento. Aprendizagem. Inclusão.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the benefits of music in the learning and social development of children with Autistic Spectrum Disorder (ASD) in Basic Education. The research was carried out through theoretical studies, as the main authors Araújo, Solidade e Leite (2018), Brandalise (2013), Chiarelli and Barreto (2005), Mantoan (2003) and Silva e

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia da UNESC. (anapaula\_guhe@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Professora da UNESC. (edinabaumer@gmail.com)

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº2, maio/agosto 2021.– Curso de Pedagogia– UNESC

Silva (2018). Semi-structured interviews were also conducted with two pedagogues, a psychagogue and a music teacher. From this, we sought to identify the benefits of music in the teaching-learning process; to verify the possibilities of the pedagogue to bring in to the classroom and to investigate its assistance in the process of including students with autism in the school environment. According to the studies carried out, it was possible to conclude that music brings countless benefits for students with ASD, such as stimulating creativity, memory, concentration, reasoning, logical development, motor coordination, communication and socialization. However, there are precautions that must be taken to the hearing sensitivity of these children; nonetheless, working with music can help a lot in the process of students with autism be included, as it provides an improvement in the communication and social interaction, thus improving the relationship of the students with autism with all members of the school community. It also brings benefits to the teaching and learning process, thus helping to include the children fully in the classroom.

**KEYWORDS:** Autism. Music. Development. Learning. Inclusion.

## 1 INTRODUÇÃO

O termo autismo é de origem grega (autós) e tem por significado “de si mesmo”. Foi mencionado pela primeira vez em 1943 pelo psiquiatra Leo Kanner após uma pesquisa realizada por ele com um grupo de crianças. A partir de então, criaram-se novas pesquisas, estudos e discussões relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista – TEA (ARAÚJO; SOLIDADE; LEITE, 2018). Atualmente, o autismo tornou-se um tema bastante discutido entre profissionais da educação e da saúde. É possível notar, cada vez mais, sua presença nas mídias, no meio educacional e nas políticas públicas, procurando esclarecer as dificuldades, as características e os direitos da pessoa com autismo.

É comum que pessoas com TEA apresentem dificuldades de comunicação, de interação social, falta de contato visual e movimentos estereotipados. Desse modo, a escola busca atividades e metodologias que possibilitem trabalhar essas características, na intenção de auxiliar a criança na ampliação de suas habilidades e competências.

Uma dessas formas é a música, pois ela promove enormes benefícios para o ser humano, tanto em aspectos psicológicos, quanto cognitivos e sociais. Como em toda a Educação Básica, há uma preocupação com a formação integral da criança, ou seja, em promover o desenvolvimento dos alunos como um todo, afinal são seres sociais, afetivos,

emocionais, políticos, que possuem linguagem, corpo e sexualidade. Trabalhar com a música na sala de aula auxilia nesse processo e dá a oportunidade de incluir e desenvolver a todos, despertando a criatividade, a comunicação e a concentração, possibilitando principalmente o desenvolvimento dos alunos com TEA.

A escolha desse tema surgiu em 2019, ao ser estagiária de uma turma de Educação Infantil, atuando com um aluno com características de uma criança com autismo. Ao escutar os comentários das professoras em relação a ele, decidi pesquisar e estudar um pouco sobre o autismo, afinal não sabia praticamente nada. Observando suas atitudes em sala de aula, comecei a me questionar sobre quais atividades poderiam despertar seu interesse e ajudar-lhe a se desenvolver. Percebi que, quando realizávamos atividades com música, trazendo canções, sons e instrumentos ele sempre participava. O aluno não possuía laudo, então não é possível afirmar sua condição de autista, porém, serviu para despertar em mim a curiosidade de pesquisar sobre o tema. Resolvi então elaborar uma pesquisa unindo música e autismo, pois acredito ser um assunto bastante atual e de extrema importância para a sociedade.

A partir da contextualização, a pesquisa é norteada pelo seguinte questionamento: de que forma a música, pode contribuir para a aprendizagem e desenvolvimento cognitivo e social de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no ambiente escolar? Tem-se como objetivo geral: analisar os benefícios da música na aprendizagem e no desenvolvimento, cognitivo e social de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Básica. Diante disso, os objetivos específicos são: identificar os benefícios da música no processo de ensino-aprendizagem; verificar as possibilidades de o pedagogo trazer a música para a sala de aula e investigar o auxílio da música no processo de inclusão de alunos com autismo no ambiente escolar.

A pesquisa aconteceu a partir de estudos teóricos e entrevistas semiestruturada, que, de acordo com Santos e Santos “[...] não existe rigidez de roteiro. Pode-se explorar mais amplamente algumas questões.” (2010, p. 23). Por este motivo, algumas perguntas estavam prontas e outras foram surgindo no decorrer da conversa.

Em vista disso, houve a solicitação da permissão para entrevista de dois pedagogos com especialização em Educação Especial e de uma psicopedagoga, que trabalham ou trabalharam com crianças com autismo em duas escolas públicas municipais de Içara/SC e

Cocal do Sul/SC. Efetivou-se também uma entrevista com um professor de música para compreender a importância da música para crianças com autismo e as possibilidades de levá-la para a sala de aula por um profissional da área da educação.

## 2 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA

Atualmente, uma das deficiências que mais vem se destacando tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral é o Transtorno do Espectro Autista - TEA. Essa deficiência que hoje vem ganhando voz por meio de implementação de leis, campanhas, estudos e pesquisas, teve suas primeiras publicações elaboradas há mais de 70 anos, após um estudo realizado pelo médico austríaco Leo Kanner.

O médico analisou onze crianças, com idades entre dois e quatro anos, após isso, publicou, em 1943, um artigo com o título *The Nervous Child* (A Criança Nervosa) para abordar as características das crianças pesquisadas. Segundo Kanner, elas apresentavam semelhanças, que apontavam uma nova síndrome, a qual chamou de autismo. Esse termo foi criado pelo psiquiatra Eugen Bleuler em 1911, porém, relacionava-se a sintomas de esquizofrenia. Foi a partir dos estudos de Léo Kanner que se distinguiu esquizofrenia de autismo (BRANDALISE, 2013).

As crianças que Kanner observou eram resistentes a mudanças, possuíam estereotípias, dificuldade no desenvolvimento da linguagem, isolavam-se socialmente e não se interessavam por outras pessoas (VOLKMAR; WIESNER, 2019). Em vista disso, após a publicação do artigo de Leo Kanner, outros médicos e psiquiatras passaram a pesquisar sobre o tema. Houve várias mudanças de termos e sintomas. Segundo Fred R. Volkmar e Lisa A. Wiesner (2019), o autismo é oficializado a partir de sua publicação no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e em 2013, passa a ser reconhecido como Transtorno do Espectro Autista.

Os sintomas do TEA podem ser percebidos desde os primeiros meses de vida, quando o bebê não responde a alguns estímulos e não esboça nenhuma expressão facial, por exemplo; entretanto, é a partir do primeiro ano de vida que eles ficam mais evidentes. Volkmar e Wiesner (2019, s/p) afirmam que depois dos doze meses, os pais começam a



perceber “[...] problemas na interação social, na comunicação e nas brincadeiras e respostas incomuns ao ambiente.”, desse modo, passam a se preocupar e buscar ajuda de um especialista.

Algumas características, comuns, em pessoas com TEA são falta de contato visual, isolamento social, atraso no desenvolvimento da fala, dificuldades de interagir em grupo, resistência a mudança de rotina e ambiente, movimentos estereotipados, problemas em brincar de faz de conta, atenção demasiada em detalhes, distração e hiperatividade (SILVA; SILVA, 2018). Porém, cada indivíduo é singular, e isso também serve para o autismo. Ou seja, cada pessoa diagnosticada com TEA pode manifestar-se de forma diferente.

## 2.1 A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO NA ESCOLA

Pelo fato de possuir dificuldades de comunicação e interação social, o ambiente escolar torna-se um grande desafio para o autista. O direito à frequência no ensino regular está garantido por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) que diz em seu artigo 4º que é dever do Estado garantir na escola pública:

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino. (BRASIL, 1996)

O direito ao ensino é assegurado, também, pela Lei de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015). Os direitos dos autistas foram reafirmados em 2012, quando sancionada a Lei nº 12.764, a qual “§2º A pessoa com Transtorno do Espectro Autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais” (BRASIL, 2012). No entanto, mesmo sendo assegurado por lei, exige que toda a comunidade escolar faça uma adaptação, tanto na rotina, quanto em questões comportamentais. Ou seja, é preciso ter uma rotina previsível para que o aluno com autismo se sinta seguro e que todos conheçam e respeitem o modo de ser dele, para que assim, haja realmente a inclusão escolar.

É relevante mencionar que essa mesma Lei, sustenta a necessidade de respeitar as singularidades da pessoa com autismo. Isso fica evidente em seu artigo 3º, onde diz que "São

direitos da pessoa com transtorno do espectro autista: I - a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer; II - a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração; [...]" (BRASIL, 2012).

Cada pessoa com autismo tem características e comportamentos diferentes e isso se dá também em relação ao aprendizado, isto é, alguns podem aprender com mais facilidade, enquanto outros apresentarão bastante dificuldade. É preciso diagnosticar a criança e conversar com a família para entender quais são as suas maiores habilidades e interesses. Todo autista tem muita potencialidade e pode aprender como as outras crianças, porém, precisa de uma atenção especial. Apresentar conteúdos que ele já tem conhecimento e buscar metodologias que lhe agradem faz com que a criança se interesse pela aula e sinta-se motivada a participar.

Entretanto, é relevante pensar que a inclusão exige “[...] uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência [...], mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.” (MANTOAN, 2003, p. 16). Em outras palavras, quando se tem um aluno com deficiência em sala de aula, não se pode pensar apenas nele na hora de elaborar o planejamento, afinal, todos os alunos devem aprender e se desenvolver. Da mesma forma que não se deve planejar de modo segmentado para o aluno com autismo. É fundamental apostar na sua capacidade e incluí-lo nas mesmas atividades realizadas por seus colegas. Deste modo, a escola estará realizando a inclusão e contribuindo para o desenvolvimento de todos.

## 2.2 OS BENEFÍCIOS DA MÚSICA NO AMBIENTE ESCOLAR PARA CRIANÇAS COM AUTISMO

Utilizar a música no âmbito educacional pode trazer enormes benefícios para a aprendizagem e desenvolvimento dos educandos. Em alunos com autismo, poderá ser uma possibilidade para desenvolvê-los nos aspectos da comunicação e interação social.

Composta por som, ritmo, melodia e harmonia, as atividades com música contribuem para o desenvolvimento cognitivo/linguístico, psicomotor e socioafetivo. Além de contribuir para um ambiente mais alegre, o que favorece a aprendizagem. A música também é

um ótimo recurso para melhorar o desempenho e a concentração. Ela auxilia na melhora da coordenação motora, socialização, memória, audição e disciplina (CHIARELLI; BARRETO, 2005).

Chiarelli e Barreto (2005) apresentam a Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner, mostrando que cada indivíduo possui um grau diferente de habilidades em diversas áreas. São sete inteligências: corporal-cinestésica, lógico-matemática, linguística, espacial, interpessoal, intrapessoal e a musical. Segundo Almeida *et al.* (2017, p. 97), uma das contribuições de Gardner, é que “[...] por meio do domínio dos postulados dessa teoria o educador poderá conscientizar-se e aceitar que cada indivíduo é único, singular e, por isso, distinto dos demais que estão ao seu redor.”. Sendo assim, se a escola considerar essas diferentes inteligências, estará contribuindo para o desenvolvimento integral de cada educando e exercendo uma educação realmente inclusiva.

Uma das inteligências mencionadas por Gardner é a musical, que consiste na habilidade de reconhecer sons e ritmos, cantar e/ou tocar algum instrumento. A instituição de ensino, não tem o papel de formar músicos, pois muitas vezes, o próprio professor não possui esta habilidade. Entretanto, são grandes as possibilidades de se trabalhar com a música em sala de aula e maiores ainda são seus benefícios. De acordo com Brécia (2003, p. 81 *apud* CHIARELLI; BARRETO, 2005, s/p) aprender a música “[...] amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo.”.

Por esse motivo, entre as terapias oferecidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), atualmente, está a musicoterapia, que acontece por meio da mediação do musicoterapeuta. O profissional utiliza de atividades musicais em suas sessões, para promover, no caso do TEA, um progresso nos aspectos cognitivos, físicos e sociais (ARAÚJO; SOLIDADE; LEITE, 2018). Desse modo, se os benefícios da música são reconhecidos por profissionais da saúde, consequentemente, esses também cabem à escola. Brandalise (2013) afirma que a utilização da música em pessoas com autismo promove a diminuição de crises, melhora na interação social, comunicação e na expressão de sentimentos.

De acordo com Araújo, Solidade e Leite, atividades de “[...] cantar com acompanhamento de gesto, dançar, bater palmas, pés, são experiências valorizadas para a criança, pois estas possibilitam o desenvolvimento rítmico, coordenação motora, além dessas

vantagens vão favorecer também o processo de aquisição da leitura e da escrita.” (2018, p. 1104). Vale ressaltar que esta é uma atividade já bastante utilizada nas instituições escolares, principalmente na Educação Infantil. Porém, muitas vezes é realizada somente como um passatempo, e os vários benefícios que ela pode trazer não são explorados. No entanto, quando se reconhece as vantagens de atividades musicais, as aulas se tornam ricas e possibilitam uma progressão muito grande no desenvolvimento e aprendizagem.

Portanto, conhecendo a importância da música, trazê-la para a sala de aula é extremamente produtivo. Ela pode estar presente tanto como uma estratégia para ensinar os conteúdos, como também, em jogos, brincadeiras e atividades musicais, que não possuem a finalidade de ensinar um assunto em si.

Assim, um dos aspectos a serem analisados é que, dependendo do grau de TEA, a criança pode não aguentar determinados sons. Segundo Silva e Silva (2018), grande parte das crianças com autismo reage positivamente a música, porém, alguns autistas possuem uma audição extremamente sensível, desta maneira, alguns sons podem causar desconfortos e irritabilidade. Como já mencionado, é extremamente importante realizar um diagnóstico do aluno, para conhecê-lo integralmente, pois como cada pessoa com autismo tem características diferenciadas, as reações em relação a algumas atividades também serão diferentes. Contudo, a partir de “[...] experiências vividas no dia a dia com crianças com TEA, percebe-se que a música pode transformá-los de alguma maneira, cada um do seu jeito respeitando seu grau de compreensão.” (SILVA; SILVA, 2018, p. 4).

### **3 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS**

Esta pesquisa destinou-se a analisar os benefícios da música no desenvolvimento e aprendizagem, de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Básica. Objetivou-se verificar se há a possibilidade de utilizar a música no processo de ensino-aprendizagem e se esta traz benefícios ao desenvolvimento, aprendizagem e inclusão do aluno com autismo.

Sendo assim, esta pesquisa é de natureza básica, pois o foco foi investigar e aprender mais, sem a intenção de aplicá-la na realidade prática. Realizou-se uma pesquisa de



campo, para coleta de dados e informações referente aos benefícios da música para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança com autismo no ambiente escolar. A pesquisa foi de caráter qualitativo, que segundo Minayo:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (2001, p. 21-22)

Em outras palavras, este trabalho teve a finalidade de analisar e interpretar os dados sem a possibilidade de convertê-los em números. Esta pesquisa caracterizou-se, também, como exploratória, pois pretendeu “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...]” (GIL, 2002, p. 41). Sendo também definida como descritiva, pois houve o intuito de descrever aquilo que buscou-se conhecer, nesse caso, as relações da música com o aprendizado de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

### 3.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas com quatro professores. Suas identidades serão preservadas e, por esse motivo, serão utilizados os pseudônimos P1, P2, P3 e P4 para identificá-los. O professor P1 é formado em Pedagogia desde 2008; pós-graduado em Educação Especial e em Psicopedagogia Clínica e Institucional. P2 é graduado em Pedagogia há 15 anos, possui especialização em Educação Especial; em Educação Infantil, Séries Iniciais e Educação Inclusiva; em Arteterapia e em Desafios Matemáticos. Já P3 é graduado em Pedagogia há três anos, bem como pós-graduado em Educação Especial. O professor P4 é licenciado em Música desde 2018 e possui especialização em Educação Musical.

A primeira pergunta realizada na entrevista foi: quais as maiores dificuldades encontradas pela escola em relação à aprendizagem das crianças com autismo? Alusivo a isso, os quatro participantes apontaram como dificuldades o estabelecimento de vínculo, a

integração da criança na sala de aula, a motivação do professor e o relacionamento família e escola. Sobre a criação do vínculo, P1 explicou que é um processo demorado, afirmando que por isso, “automaticamente a aprendizagem desse aluno vai ficar mais defasada.”. P4 já afirma que respeitar as características e compreender a criança com autismo para integrá-la completamente na sala de aula é um grande desafio para toda a comunidade escolar.

Já para P2, existem docentes que não querem fazer adaptações para os alunos com autismo; entretanto, o professor acredita que faz parte do trabalho docente buscar ajustes necessários para atender esses educandos. É mencionado que além desse desafio que os professores possuem, muitas vezes há pais que questionam alguns métodos, atrapalhando assim o desenvolvimento do planejamento.

Do mesmo modo, P3 chama atenção para o fato de os professores não serem motivados a criarem novos métodos, planejamentos e atividades que se ajustem às necessidades de cada aluno. Além disso, o professor aponta a relação família e escola como essencial no processo de ensino e aprendizagem. Porém, afirma que essa parceria, em um modo geral, raramente acontece. Assim sendo, Mantoan (2003, p. 34) assegura que

Uma escola se distingue por um ensino de qualidade, capaz de formar pessoas nos padrões requeridos por uma sociedade mais evoluída e humanitária, quando consegue: aproximar os alunos entre si; tratar as disciplinas como meios de conhecer melhor o mundo e as pessoas que nos rodeiam; e ter como parceiras as famílias e a comunidade na elaboração e no cumprimento do projeto escolar.

Pensando nisso e realizando uma análise das respostas obtidas, foi possível perceber que os quatro professores consideram o trabalho com alunos com TEA bastante difícil. Contudo, afirmam que é possível realizar atividades com eles visando o seu pleno desenvolvimento.

O segundo questionamento feito foi: qual a maior dificuldade encontrada pelo aluno com autismo em relação a escola, ao relacionamento com as pessoas e ao próprio aprendizado? Quanto a esse assunto, obteve-se como resposta a dificuldade de comunicação, a falta de interação e aceitação, bem como a falta de conhecimento dos profissionais que atuam nas escolas. Em relação à interação e aceitação, P3 assinala que “o desprezo é a maior dificuldade que eles encontram, porque assim eles ficam desmotivados em aprender, desmotivados em ir para a escola.”. O mesmo professor salienta que essa falta de inclusão

acontece tanto por parte dos colegas, como também por parte dos professores e do próprio sistema. Afirma que quando há uma postura diferenciada por parte do docente em sala de aula, ela poderá refletir nas atitudes dos educandos, conseguindo desse modo modificar o pensamento, o comportamento e aceitação deles quanto aos alunos com TEA.

Logo, alusivo à falta de conhecimento dos profissionais da educação, P1 menciona que infelizmente, boa parte dos profissionais que atuam nas escolas não possuem conhecimentos e técnicas específicas para atender os alunos com autismo. Declara que é necessário que o docente possua alguns saberes e esteja disposto a estudar para poder atender às necessidades de cada aluno. Sendo assim, o professor precisa

[...] buscar caminhos que possibilitem a todos os alunos o acesso ao aprendizado [...] tomando como primeiro passo a visão de que cada aluno é singular e, conseqüentemente, que existem na escola indivíduos com objetivos e necessidades diferentes conseguirá perceber que cada um utiliza recursos distintos para construir seu conhecimento. (MORAES, 2013 *apud* ALMEIDA *et al.*, 2017, p. 90)

Por esse motivo, conseguindo pensar dessa maneira e possuindo conhecimentos sobre o TEA, e também sobre métodos, técnicas e atividades que auxiliem na adequação do processo de ensino, certamente, o aluno se sentirá incluído nesse processo, melhorando o seu aprendizado. Além disso, o professor P4 traz a questão da comunicação. Para ele, é bastante complicado, tanto para os professores, quanto para os colegas interpretarem aquilo que o aluno com autismo deseja comunicar e isso acaba dificultando todo o processo. Isto é, a comunicação é para P4 a maior dificuldade encontrada pelo aluno com autismo.

Sendo assim, por meio dessa análise, ficou evidente que muitos alunos com autismo se sentem desprezados no ambiente escolar e desse modo, ficam desmotivados a participar da instituição de ensino. Esse sentimento de exclusão traz a eles grandes prejuízos para o desenvolvimento. É possível que esse desprezo, mencionado por um dos professores entrevistados, esteja relacionado com a dificuldade em comunicar-se por parte do aluno com autismo, como também à ausência de conhecimento por parte dos profissionais da educação. Por esse motivo, é importante que o professor esteja em constante formação, buscando novos conhecimentos para atender da melhor maneira o aluno com autismo e auxiliar a integrá-lo em todo o processo de aprendizagem e no relacionamento com os colegas.

A terceira questão realizada teve como intuito compreender se os professores acreditam que a música traz benefícios para o processo de ensino e aprendizagem e se sim, quais são esses benefícios. Todos os professores deixaram evidentes que acreditam no potencial da música, não apenas para alunos com autismo, como para todos os outros estudantes. Relacionado aos benefícios, P1 menciona que a música tem o poder de acalmar, estimular a criatividade e a aprendizagem. P2 traz como ganhos o estímulo a memória, a concentração e a psicomotricidade.

Do mesmo modo, P3 afirma que a música vai trabalhar com raciocínio, desenvolvimento lógico, coordenação motora grossa e fina, memória, agilidade e ritmo. O mesmo professor cita que essas melhorias se estendem para todos os alunos, entretanto, para os alunos com autismo faz uma grande diferença. Conta que assim “eles conseguem desenvolver melhor e quando chegam na sala de aula, eles conseguem acompanhar um pouquinho melhor os colegas.”

Para o professor P4, a música auxilia na comunicação, socialização, coordenação motora, noção temporal e também, na alfabetização. Assim, como afirmam Araújo, Solidade e Leite; “A música atua no sentido de melhorar atenção, favorece a expressão emocional, estimula o pensamento e habilidades sociocomunicativas.” (2018, p. 1104).

Diante disso, foi possível perceber que a música é extremamente benéfica, não apenas para os alunos com TEA, como para todos os outros educandos. Seus auxílios propiciam melhoras no processo de aprendizagem e se estendem também, para sua vida social, quando pensamos que proporciona uma melhora na comunicação e interação.

Na quarta pergunta, buscou-se entender se os profissionais entrevistados utilizam de atividades musicais com os alunos com TEA em suas aulas ou atendimentos e como são essas atividades realizadas. Para esse questionamento, todos responderam de maneira afirmativa. P1 disse que utiliza brincadeiras bem simples, “com bolas, associada com a música, para trabalhar realmente a questão da motricidade deles e até a percepção”.

O professor P3 contou que realiza atividades com a bandinha musical que tem na escola e que gosta também de realizar exercícios no violão. Já P2 disse que busca sempre trabalhar a música com os alunos com autismo; entretanto, menciona que nem sempre é



possível, pois algumas crianças com autismo são bastante seletivas e sensíveis, não possibilitando um trabalho com atividades musicais.

Segundo Silva e Silva (2018, p. 4), é possível que qualquer pessoa não goste de música, entretanto algumas pessoas com autismo “[...] têm uma grande sensibilidade a alguns sons; mesmo que não tenha consciência de seu efeito, o organismo pode sofrer prejuízos com o aumento de adrenalina, aceleração do ritmo cardíaco, aumento da pressão arterial, levando-o a crises de comportamento.”.

Foi questionado sobre essa sensibilidade auditiva com P4, e ele contou que já aconteceu de um aluno sair da sala enquanto realizava uma atividade, pois as crianças ficaram bastante eufóricas e acabaram fazendo muito barulho. Todavia, disse que acredita ser possível trabalhar com a música pois a maioria de suas experiências foram positivas. No entanto, alertou que é preciso saber escolher os instrumentos, realizar algumas adaptações e tentar manter sempre um controle durante as atividades.

O quinto questionamento foi o seguinte: há recursos disponíveis nas escolas para trabalhar com a música? Para P3, há recursos, porém, muito pouco. Disse que, na maioria das instituições, há instrumentos de bandinha, afirmando que mesmo sendo limitado, possibilita um trabalho com a música. O professor P3 acredita que as escolas deveriam buscar mais recursos musicais para serem utilizados com foco na aprendizagem.

Respondendo a essa mesma questão, P2 afirma que para “a Educação Infantil tem mais recursos, tem ‘tamborzinho’, um monte de coisa”, porém, para o Ensino Fundamental esses materiais são mais reduzidos. Contudo, segundo o professor P2, é possível adaptar os instrumentos. Para ele, tudo depende da criatividade e vontade de cada docente. Seguindo essa mesma linha de pensamento, P4 contou que utiliza muitos instrumentos feitos por ele e ainda brincou dizendo “eu entro em uma loja de construção e vejo um monte de instrumentos!”. Para ele, é importante ter instrumentos, mas estes podem ser adaptados, trazendo um gasto muito menor. Afirma, também, que é possível utilizar o próprio corpo como percussão para criar atividades musicais. Silva e Silva enfatizam que “O professor é quem deverá adaptar o material para o seu aluno, mudar de estratégia, objetivos mais específicos [...] criar diferentes instrumentos, tudo conforme a dificuldade e capacidade de cada um.” (2018, p. 11).

Diante do exposto, fica evidente que os recursos existentes nas escolas são bastante escassos. São poucas as instituições que possuem instrumentos musicais que possibilitem trabalhar com a música. Porém, são inúmeras as possibilidades de se criar instrumentos, a partir de materiais recicláveis, de construção, entre outros. Há uma gama enorme de ideias disponíveis na internet, facilitando essa criação. Estes instrumentos tem um custo muito menor e proporcionam da mesma forma, grandes aprendizados quando utilizados no ambiente escolar.

No sexto questionamento, indagou-se se os professores acreditam na possibilidade de levar atividades musicais para a sala de aula, para ser realizada com o aluno com autismo, junto de todos os outros educandos, proporcionando assim, uma maior interação. Para os professores entrevistados é possível, porém, fizeram algumas colocações.

Conforme P1, antes de realizar essa atividade é essencial conversar com a turma para que todos colaborem. É necessário que nessa aula “não tenha muito barulho, para que o som possa ser ouvido através de um áudio bem baixinho para que não venha atrapalhar o aluno com deficiência”. P1 menciona também que o aluno com autismo deverá ser avisado previamente sobre a atividade que será realizada, pois ele tem a necessidade de saber a rotina.

Da mesma forma, P3 cita que é possível, porém acha bastante difícil. Para esse professor, propostas musicais podem vir a atrapalhar as outras turmas. Expressa também que há alguns professores que não gostam ou não sabem trabalhar com música. Para ele, o ideal seria ter uma sala própria para se trabalhar a música, na qual haveria todos os instrumentos, materiais necessários e um profissional que orientasse essas práticas.

Para o professor de música, aqui denominado P4, fiz essa questão de uma forma diferente para buscar entender se o pedagogo pode levar a música para a sala de aula, independente de tocar ou não algum instrumento. Diante disso, ele respondeu que sim. Comentou que a maioria das pessoas que não tocam nada, tem muito receio de trabalhar com a música, até mesmo por uma questão cultural.

Há, em nossa sociedade, uma visão de que para se trabalhar com música é necessário, segundo ele, nascer sabendo, fazer lindamente e ter o dom. E esse é o motivo de muitos professores não levarem a música para a sala de aula. P4 menciona que o simples fato de ensinar a cantar uma canção, acompanhá-la com gestos e com dança já traz grandes

benefícios. São recursos simples e possíveis. Para ele, atividades musicais não precisam necessariamente ser exclusividade do professor de música, afinal

As atividades musicais realizadas na escola não visam a formação de músicos, e sim, através da vivência e compreensão da linguagem musical, propiciar a abertura de canais sensoriais, facilitando a expressão de emoções, ampliando a cultura geral e contribuindo para a formação integral do ser. (CHIARELLI; BARRETO, 2005, s/p)

Ou seja, é notória a possibilidade de o pedagogo levar atividades musicais para suas aulas. Não é necessário tocar instrumentos para que a música esteja presente no ambiente escolar. Trazer canções, criar gestos, dançar, fazer simples brincadeiras já são extremamente benéficas. Entretanto, quando se trata de alunos com autismo, é indispensável adaptar as atividades e informá-los para que a rotina se mantenha.

A sétima pergunta foi: “você acredita que a música pode auxiliar no processo de inclusão de alunos com autismo no ambiente escolar?” Com relação a isso, as respostas foram afirmativas. Todos acreditam que a música pode ser um grande aliado no processo de inclusão. P2 reafirmou a necessidade de tomar alguns cuidados, afinal, muitos autistas possuem uma audição bastante sensível. Feito isso, a música pode ser sim um grande instrumento para incluir alunos com deficiência.

Assim, sobre a música, P3 ressaltou: “A gente só precisa encontrar uma maneira de colocar ela lá na sala de aula, na escola. Tanto para o autista, quanto para os demais [...] acredito que seria um ótimo caminho para acontecer uma inclusão de verdade.” Já para P4, a música é uma forma de atrair a atenção daqueles que muitas vezes não querem estar na sala de aula. Ele acredita que essa pode ser uma maneira de fazer a criança com autismo participar de maneira efetiva na escola. Silva e Silva (2018, p. 10) salientam que

O acesso à música favorece o indivíduo, integrando-o com o mundo, propiciando seu desenvolvimento como ser social. E é aí que entra o profissional, ele irá instruir, auxiliar esta criança a se colocar em ordem, não só seu pensamento, como também seu corpo, permitindo e inventando atividades musicais que o façam acordar, descobrir suas emoções, sentimentos, algo além do fazer musical, algo que o faça sentir-se bem junto com os demais.

A partir do exposto, é possível perceber que temos na música um grande instrumento para a inclusão. É necessário utilizá-la na escola para proporcionar benefícios no processo de ensino e aprendizagem, além do mais, a música proporcionará também melhoras

na vida social dos indivíduos. Sendo assim, fica evidente que a música auxilia no desenvolvimento integral do ser humano e na inclusão de alunos com autismo no ambiente escolar.

## 4 CONCLUSÃO

Levando em conta os aspectos analisados, foi possível perceber que o Transtorno do Espectro Autista se tornou um tema de bastante debates entre profissionais da educação, e que a inclusão destes alunos no ensino regular é atualmente garantida por Lei. É de conhecimento geral, a importância de incluir alunos com deficiência no ambiente escolar e proporcionar a convivência com outras crianças. Entretanto, ainda são grandes os desafios, tanto para o aluno quanto para a escola em relação a essa inclusão.

Esta pesquisa teve como objetivo geral, analisar os benefícios da música na aprendizagem e no desenvolvimento, cognitivo e social de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Básica. Diante dos estudos realizados, foi possível perceber que a música é uma grande possibilidade de se trabalhar em sala de aula com alunos com autismo. Tendo em vista que ela pode gerar uma melhora na comunicação e interação social, é possível então, auxiliar no desenvolvimento e aprendizagem da criança com TEA. Sendo esses benefícios estendidos para todos os demais alunos. Ou seja, atividades simples envolvendo som, ritmo, melodia e harmonia trazem muito ganho para toda comunidade escolar e auxiliam na educação integral de cada aluno.

O estudo possibilitou atingir os objetivos específicos que foram: identificar os benefícios da música no processo de ensino-aprendizagem; verificar as possibilidades de o pedagogo trazer a música para a sala de aula e investigar o auxílio da música no processo de inclusão de alunos com autismo no ambiente escolar.

De acordo com os estudos teóricos e com as entrevistas semiestruturadas, ficaram evidentes que os benefícios da música no processo de ensino-aprendizagem são estímulos à criatividade, memória, concentração, raciocínio, desenvolvimento lógico, coordenação motora, comunicação e socialização.



Com relação às possibilidades de o pedagogo levar atividades musicais para a sala de aula, é perceptível que além de possível é essencial. Os benefícios já mencionados neste artigo com relação às atividades com música podem ser alcançados a partir de propostas simples, que envolvam canções, ritmos e movimentos. Não exigindo nenhuma formação musical para realizá-las. É importante salientar que alguns autistas têm a audição sensível, e algumas atividades precisam de adaptações. Como, por exemplo, utilizar sons com o volume mais baixo e instrumentos que façam menos barulho. No entanto, ao realizar alguns ajustes, trabalhar com a música é uma ótima alternativa para auxiliar no processo de ensino.

Sobre o auxílio da música no processo de inclusão de alunos com autismo no ambiente escolar, fica evidente, a partir dos estudos e entrevistas que podem ajudar; principalmente por proporcionar uma melhora na comunicação e interação social, a música pode melhorar o relacionamento do aluno com autismo com todos os integrantes da comunidade escolar. Por proporcionar, também, benefícios para o processo de ensino e aprendizagem, é um grande auxílio para incluí-lo de plenamente na sala de aula.

Portanto, espero que esta pesquisa possa colaborar com o trabalho de muitos profissionais da educação que atuam no processo de inclusão de alunos com autismo. Afinal, sabemos das grandes dificuldades e desafios encontrados com crianças que possuem alguma deficiência. Dificuldades estas, que surgem tanto para o aluno, quanto para a família e para os professores. Deste modo, acredito que o estudo sobre práticas pedagógicas que são utilizadas com autistas e que já dão certo, pode auxiliar e muito no trabalho de toda comunidade escolar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rodrigo da Silva; CRISPIM, Maria Sônia da Silva; SILVA, Dionísio Souza da; PEIXOTO, Sandra Patricia Lamenha. **A teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner e suas contribuições para a educação inclusiva:** construindo uma educação para todos. Cadernos de graduação – Ciências Humanas e Sociais. Alagoas, v.4, n.2, p. 89-106, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/4218/2584>>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

ARAÚJO, Neuma Apinagé; SOLIDADE, Dalila Sales da; LEITE, Tailana Santana Alves. A musicoterapia no tratamento de crianças com autismo: revisão integrativa. **Revista Ciência e Saberes** – Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Maranhão, p. 1102-1106, abr-jun, 2018. Disponível em:

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº2, maio/agosto 2021.– Curso de Pedagogia– UNESC

<<https://www.facema.edu.br/ojs/index.php/ReOnFacema/article/view/349/246>>. Acesso em: 11 de março de 2020.

BRANDALISE, Andre. Musicoterapia aplicada à pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): Uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 28-42, 2013. Disponível em: <<http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/10/revista-completa-Revista-de-Musicoterapia-XV-15-2013.pdf>>. Acesso em: 11 de março de 2020

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 27 de abril de 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretrizes para sua consecução. Brasília, 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm)>. Acesso em: 07 de abril de 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)>. Acesso em: 07 de abril de 2020.

CHIARELLI, Lígia Karina Meneghetti; BARRETO, Sidirley de Jesus. A importância da musicalização na Educação Infantil e no Ensino Fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. **Revista Recrearte**, [S. l.], nº3, junho, 2005. Disponível em: <<http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte03/musicoterapia.htm>>. Acesso em: 11 de março de 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em <[http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa.pdf](http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf)>. Acesso em: 28 de maio de 2020.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003. Disponível em: <<http://www.epsinfo.com.br/INCLUSAO-ESCOLAR.pdf>>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 28 de maio de 2020.

SANTOS, Maria de Fátima Ribeiro dos; SANTOS, Saulo Ribeiro dos. **Metodologia da pesquisa em educação**. São Luís: UemaNet, 2010. Disponível em: <<https://docente.ifsc.edu.br/luciane.oliveira/MaterialDidatico/P%C3%B3s%20Gest%C3%A3o%20Escolar/Pesquisa%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o/Leituras%20sobre%20Pesquisa%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o/metodologia-da-pesquisa-em-educacao-completo.pdf>>. Acesso em: 16 de junho de 2020.

SILVA, Cátia Regina Suzano da; SILVA, Jorge César da. **Música e autismo – um encontro perfeito**: Musicalização e Expressão corporal em uma Escola de Educação Especial. 2018. Disponível em: <<http://www.fpa.art.br/ojs/index.php/teste/article/view/79/70>>. Acesso em: 11 de março de 2020.

VOLKMAR, Fred R.; WIESNER, Lisa A. **Autismo**: guia essencial para compreensão e tratamento. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2019. E-book.